

Relação Museu/Escola: O caso do Museu histórico Abílio Barreto de Belo Horizonte

Cláudia Beatriz Ribeiro de Souza Carneiro Rodrigues Camelo¹

Polianna Christina Dias Santos

Taynah Lilyane da Silva Carlos Perfeito

Resumo: Este trabalho apresenta um estudo de como as escolas de Belo Horizonte se utilizam do Museu histórico Abílio Barreto como ferramenta de complementação às disciplinas relativas à história da cidade de Belo Horizonte. Por meio de pesquisas quantitativa e qualitativa (usando fichas do livro de registros em posse do setor educativo do Museu e o método da entrevista estruturada), o referido trabalho pretende mostrar como a temática da história da cidade está sendo tratada pelas disciplinas ao longo do ano, além de apresentar a visão dos professores sobre a visita ao Museu e entender as expectativas em torno e a partir dela. Como resultado, a pesquisa mostrou como o museu contribui para o ensino: por propiciar o contato com a materialidade da história no espaço, por possibilitar a liberdade de pensamento que a visita permite, por evidenciar a intenção dos professores em construir conhecimento através de atividades diversas e por ter impacto positivo sobre os alunos do contato com um aparelho cultural. Conclui-se, porém, a existência de um contraste de interesses: por um lado, o acervo do Museu se volta para a história oficial e, por outro, os professores buscando cada vez mais despertar nos estudantes novos olhares, suprindo as ausências do Museu, que pretende abordar a História da cidade, e a limitação da Escola, que se rende ao conteúdo curricular.

Palavras-chave: Museu histórico Abílio Barreto (MhAB); Setor Educativo; História; Público escolar.

Museum / school relationship: The case of The Abílio Barreto historical Museum of Belo Horizonte

Abstract: This paper presents a study of how schools in Belo Horizonte use the Abílio Barreto historical Museum as a tool to complement the subjects related to the history of Belo Horizonte. Through quantitative and qualitative researches (using, at first, files of a book of records from the Museum's educational department and, then, the structured interview method applied to the teachers of the classes scheduled in the calendar), the mentioned article intends to show how the city's history is being addressed by those teachers throughout the year and to understand their expectations about the visit and its implications. As a result, the research has shown how the museum contributes to teaching: by providing contact to the materiality of history in space, by affording freedom of throughout the visit, by evidencing teacher's intention in building up knowledge through many activities; by having positive impact on students that contact such cultural equipment. However, there is a contrast of interests: on the one hand, the Museum collection refers to the official history, on the other hand, the teachers seek more and more encouraging new perspectives in their students in order to overcome museums gaps about that History, while the museum struggle to overcome the limited perspective presented by schools limited to its curriculum.

Key words: Abílio Barreto historical Museum (MhAB). Educational department. History. Scholar public.

1 INTRODUÇÃO

Museus históricos são instituições que, além de preservar, guardar, estudar e comunicar seu acervo, objetivam também apresentar uma história. Diferindo do Museu do início do século XIX, quando a história era retórica e os objetos estruturas autárquicas de linguagem, o Museu histórico Abílio Barreto procura dialogar uma história construída e

discursiva. Inaugurado em 1943, o museu se transformou de “contar para as futuras gerações, através de relíquias, a história antiga e a história média de Belo Horizonte” para “objeto de suas próprias ações” (PIMENTEL *et al*, 2006/2007, p. 103) e é, hoje, referência na produção de conhecimento sobre Belo Horizonte, fugindo da configuração tradicional de um museu histórico ao encontrar identificação nos pensamentos de um museu de cidade (preocupado em abordar a cidade em movimento como objeto de estudo). O MhAB assume, então, a responsabilidade de explicitar a cidade e os diferentes significados resultantes da apropriação pelos seus frequentadores, mas mantendo seu traço histórico, o Museu se figura como “repositório da verdadeira história a ser vista e conferida” (DUTRA, 2012, p. 224).

A dimensão educativa esteve presente no MHAB desde a sua fundação, quando o próprio Abílio Barreto recebia professores e estudantes para narrar o passado da capital. Atualmente, muitas reflexões teóricas e métodos lógicos fortalecem as ações educativas e motivam a produção da educação patrimonial. O Museu propõe atividades de mediação cultural, incentivando a reflexão crítica e objetivando compreender o patrimônio cultural de Belo Horizonte. O MhAB também vem desenvolvendo há 15 anos estudos e reflexões sobre a prática de mediação, o que possibilitou a criação do atual Programa de Educação Patrimonial do Museu.

O Programa tem por objetivo alinhar a transformação social com o interesse do público, baseando-se nos princípios da pedagogia crítica, do diálogo e no papel ativo do indivíduo na construção do conhecimento. As atividades de mediação cultural objetivam incentivar o público a refletir sobre o patrimônio de Belo Horizonte.

(...) formas de mediação que propiciam aos diversos públicos a possibilidade de interpretar objetos de coleções dos museus, do ambiente natural ou edificado, atribuindo-lhes os mais diversos sentidos, estimulando-os a exercer a cidadania e a responsabilidade social de compartilhar, preservar e valorizar patrimônios com excelência e igualdade (GRINSPUM, 2001, p. 30).

Pesquisas sobre público de museus mostram que, no Brasil, as escolas têm sido as principais promotoras do contato dos alunos com os equipamentos culturais, o que pode ser reafirmado por Stelli (2013). O Educativo do Museu pretende tratar a mediação como uma troca cultural, e com isso conta com uma equipe que está ativamente desenvolvendo novas didáticas, recursos e discussões pertinentes ao campo museal e histórico.

Tendo em vista esse perfil do Museu traçado desde sua idealização, o presente artigo visa pesquisar a atuação do MhAB como um complemento ao conteúdo lecionado sobre a história de Belo Horizonte e seu posicionamento perante às expectativas das escolas.

2 METODOLOGIA

Para alcançar o dado propósito, de verificar se o MhAB atende às expectativas das escolas como um complemento ao conteúdo lecionado sobre a história de Belo Horizonte e entender a avaliação dos professores sobre a visita ao museu e as intenções futuras destes para com o conteúdo visto, foi usado um livro de registro com questionários direcionados aos docentes e aplicados pela equipe do educativo em cada visita e a realização de entrevista estruturada aos professores.

A pesquisa foi, então, desenvolvida em duas fases: a quantitativa e a qualitativa, ambas analisando professores de escolas agendadas para mediações com o educativo do MhAB. Elas foram direcionadas pelas interrogações sobre as propostas de desfrute do Museu pelos alunos, se a intenção é a de utilizá-lo como um recurso introdutório à história de Belo Horizonte ou como um complemento à formação acadêmica, e sobre a correspondência da instituição diante dessas cobranças, se o MhAB atende, de fato, às expectativas das escolas.

Com base nisso, foram propostos três objetivos:

A- Identificar os projetos e propostas de trabalho desenvolvidos pelos professores e escolas.

B- Identificar as expectativas das escolas quanto ao conteúdo do Museu sobre a história de Belo Horizonte.

C- Analisar a avaliação dos professores sobre a visita.

Na primeira etapa, a quantitativa, o público participante são os professores acompanhantes das visitas agendadas junto ao setor educativo. Trata-se de população finita, visto que o número de professores é conhecido e registrado em um livro de avaliação das mediações realizadas pelo educativo, contendo um número consistente de fichas (82 fichas preenchidas) nos últimos 15 meses. Diante do acesso aos dados de toda a população-alvo (população de fichas de visitação), esse estudo é considerado censitário, ou seja, permite o levantamento dos dados secundários de 100% dos participantes. As condições de preenchimento das fichas de avaliação foram esclarecidas aos professores no ato da avaliação, pelo setor educativo do Museu, sendo manifesta, desde o princípio, a possibilidade dos dados fornecidos serem usados em pesquisas. O referido livro de registros fica disponível para uso livre do educativo e é permitido que estudantes estagiários do setor o empreguem em pesquisas de fim acadêmico universitário. A fim de abrandar o risco da confiabilidade, o MhAB secundou anuência para o uso deste nesse caso específico da pesquisa que está sendo aqui desenvolvida.

Já na segunda etapa, a qualitativa, a técnica utilizada foi a de aplicação de entrevistas estruturadas, sendo realizado antes o pré-teste administrado em um docente. Nesse processo, as pesquisadoras usaram do método de observação não sistemática, enquanto acompanhavam as mediações que aconteciam anteriormente às entrevistas, totalizando quatro professoras participantes, entre a última semana de outubro e grande parte de novembro. Foi requerido que todo participante da pesquisa assinasse um termo de consentimento livre e esclarecido, mantendo uma via oficial consigo, enquanto uma segunda permanece em posse dos pesquisadores, novamente, com o consentimento do Museu.

3 ANÁLISE DOS DADOS QUANTITATIVOS

Para o recorte da amostragem foi feito um censo do livro de registro de escolas atendidas pelo educativo do Museu Histórico Abílio Barreto. Esse livro é composto por

fichas avaliativas preenchidas pelos professores responsáveis, avaliando a mediação e o conteúdo da exposição do museu, além dos assuntos complementares trazidos pela equipe do educativo durante a visita.

As análises quantitativas não se submetem à quantidade de fichas, condizentes a quantidade de professores responsáveis, mas pela unidade de resposta. Isso se dá pelo fato de as perguntas que compõem o questionário serem abertas e comportarem respostas múltiplas. Isto posto, elucida-se que cada tópico averiguado possui uma quantidade independente de respostas, que gera totalizações superiores ao número total de respondentes, ou seja, o número total de respostas não é uma constante entre os gráficos.

Os dados da pesquisa foram trabalhos por meio da análise de conteúdo. Vale também ressaltar que os dados presentes na investigação não foram retirados de uma única questão, mas sim do conjunto de respostas presentes em todo o questionário original, o qual permite uma transitoriedade de itens.

Os dados da pesquisa quantitativa datam do dia 17 de junho de 2016 até 28 de setembro de 2017, que consistem no total de 82 questionários preenchidos desde o começo da adoção das fichas como metodologia empregada pelo Educativo do Museu para avaliar suas ações educativas junto às escolas.

O livro de registro utilizado para a apresentação do censo, o qual consiste em fichas avaliativas destinadas aos professores e elaborada pelo setor educativo do Museu Histórico Abílio Barreto, faz um levantamento de satisfação dos professores com a equipe do educativo. Dele, foi considerada a instituição de ensino e as quatro questões abertas: “Quais contribuições essa visita trouxe para o trabalho realizado na escola?”, “O conteúdo solicitado foi contemplado? Quais foram os pontos positivos da visita?”, “Como você avalia a interação dos mediadores com a turma e o diálogo e metodologia utilizados durante a visita?” e “Você pretende desenvolver um trabalho com os alunos relacionado à visita realizada no MhAB? De que maneira?”.

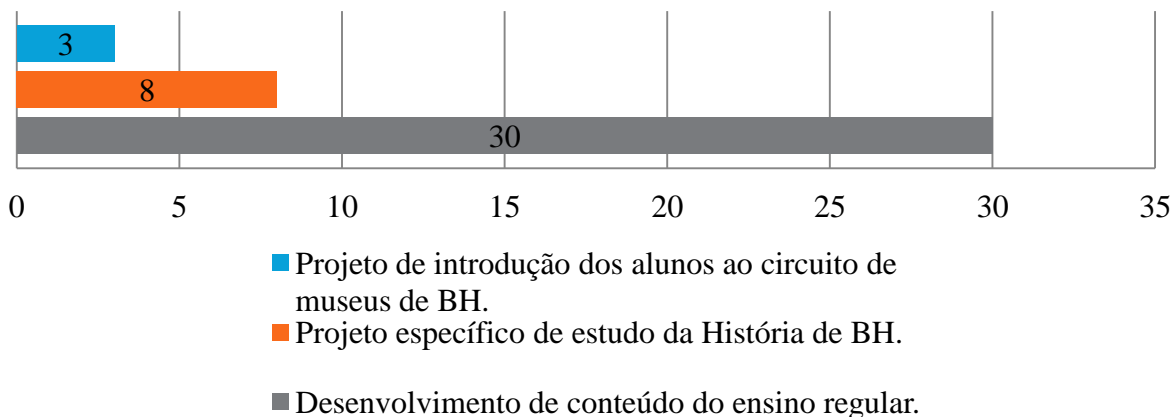
A partir da análise de conteúdo da pesquisa quantitativa foram gerados quatro balanços: identificação do público escolar selecionado, identificação dos projetos e propostas de trabalho desenvolvidos pelos professores e escolas, identificação das

expectativas das escolas quanto ao conteúdo do Museu sobre a história de Belo Horizonte e a análise das avaliações dos professores sobre a atuação do educativo.

Do público escolar identificado, apresenta-se um total de 82 escolas, sendo 53 públicas (representando 64,63%) e 29 particulares. É importante destacar que as seguintes análises não se totalizam com esse número de 82 visitas agendadas, mas sim com o número de respostas dadas, tendo a consciência de que as questões permitiam retornos múltiplos e, por isso, a contabilização dos dados geram um total percentual inconstante entre os tópicos estudados.

Para a identificação dos projetos e propostas de trabalho desenvolvidos pelos professores e escolas, sentiu-se a necessidade de explorar projetos iniciados anteriormente a visita ao museu e aqueles que foram pensados a partir dela.

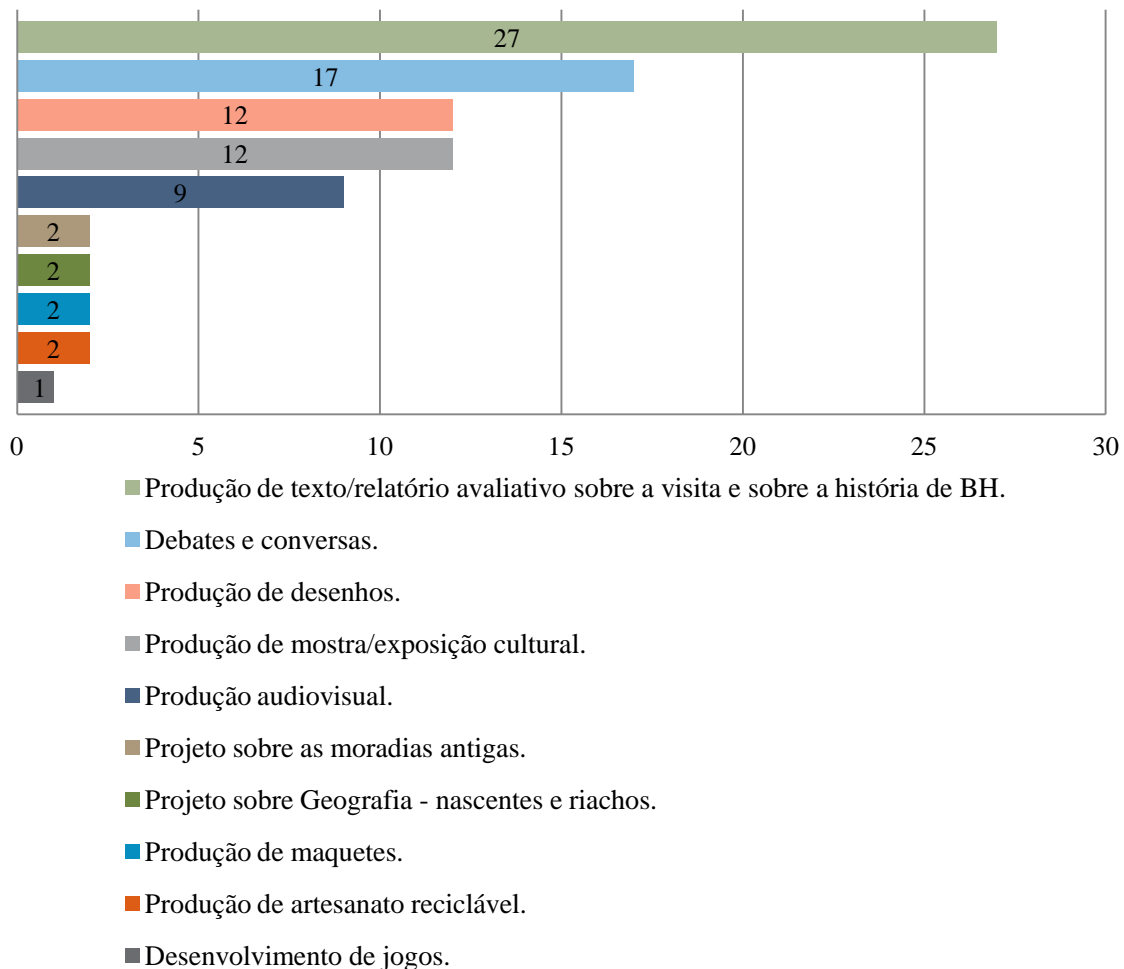
Gráfico 1: Trabalhos que já vinham sendo realizados antes da visita.



Fonte: Dados da pesquisa

Do total de 41 respostas, 73,17% foram relativas ao desenvolvimento de conteúdo do ensino regular, 19,51% ao projeto específico de estudo da História de BH e 7,32% ao projeto de introdução dos alunos ao circuito de museus de BH.

Gráfico 2: Trabalhos que serão realizados a partir da visita.



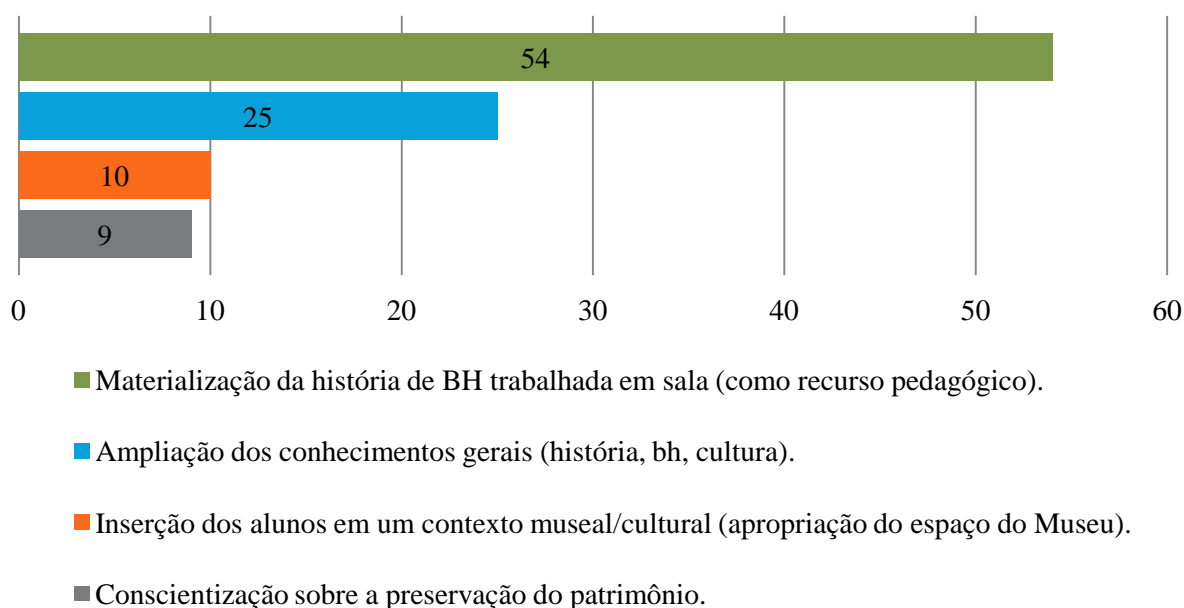
Fonte: Dados da pesquisa

Observamos uma grande abertura quando analisada a intenção de projetos futuros. Do total de 86 respostas, a maioria de 31,4% intenta iniciar a produção de textos ou relatórios avaliativos sobre o que foi visto durante a visita, o que demonstra a presença de uma metodologia tradicional de ensino. Em contraste, projetos de atividades de cunho mais alternativo aparecem em menor número, como a produção de artesanato reciclável e o desenvolvimento de jogos, apesar de ainda serem consideravelmente valorizadas a produção de desenhos e de uma mostra/exposição cultural (ambas com 13,95% de ocorrência) e a produção audiovisual (com 10,46%).

É interessante notar que 13,95% das respostas se voltaram para a proposta de produzir uma mostra ou exposição cultural, o que indica não só uma influência do conteúdo do Museu, mas também da idealização do universo museal.

Quando foram recolhidos os dados sobre as expectativas das escolas quanto ao conteúdo apresentado, notou-se uma das problemáticas da aplicação de um questionário aberto que proporciona tamanha amplitude de respostas para a análise desses dados. Mesmo sabendo que os dados não foram organizados de acordo com o número de fichas respondidas, mas sim de respostas dadas, verifica-se uma incoerência na relação entre gráficos.

Gráfico 3: Expectativas das escolas quanto ao conteúdo apresentado.



Fonte: Dados da pesquisa

Aqui, pode-se observar que, em um total de 98 respostas, 54 delas (55,10%) afirmam que a expectativa era de comprovação do que foi estudado em sala de aula. Ao retomar o gráfico um (Trabalhos que já vinham sendo realizados antes da visita), vê-se que 41 turmas, de 82, já tiveram contato com o conteúdo antes da intervenção do museu - se considerarmos que não houve respostas múltiplas. Ao cruzar os dados, observa-se que a quantidade daqueles que abordam a temática do museu em sala é praticamente a mesma daqueles que esperam que haja a materialização da história, em tese, vista no meio escolar. No entanto, ressalta-se que ao analisar cada questionário isoladamente essa relação não é confirmada, pois nem todos os professores que têm essa expectativa, aborda previamente o conteúdo em sala.

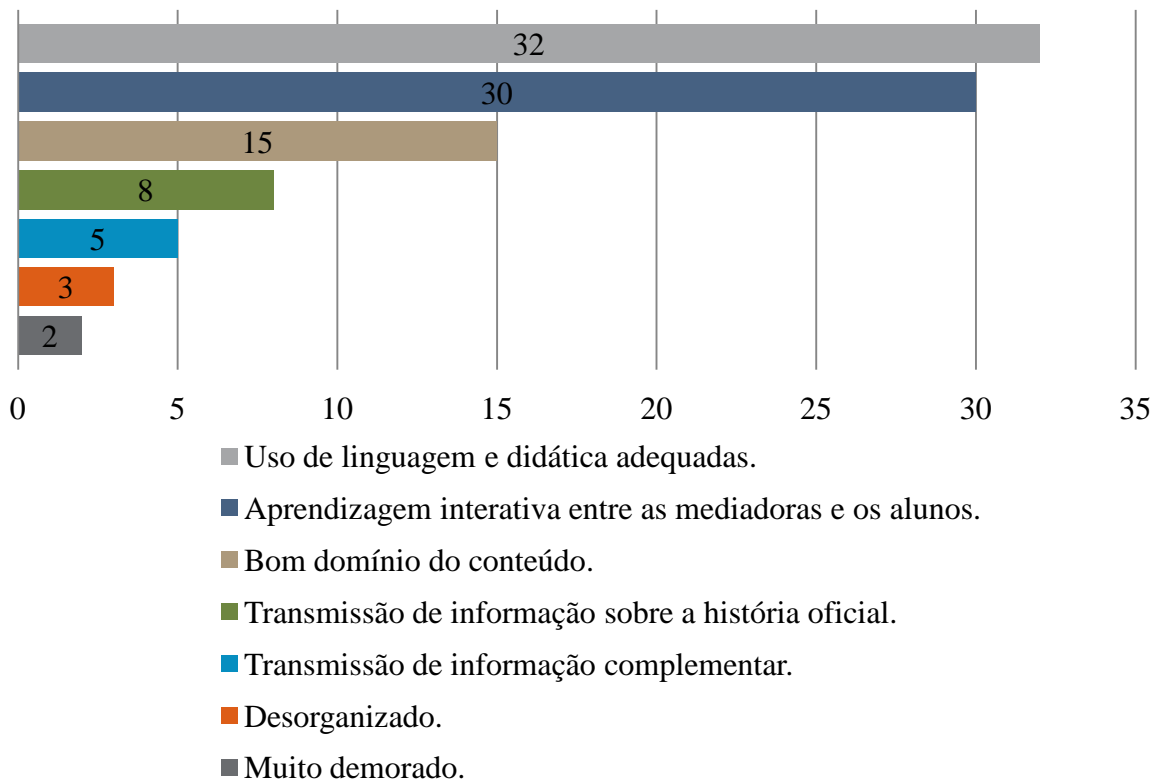
Em continuidade, 25,10% tinham como expectativa a ampliação dos conhecimentos gerais, 10,20% a inserção dos alunos em um contexto museal/cultural e 9,18%, o despertar da consciência sobre preservação do patrimônio nos alunos.

Salienta-se aqui a quantidade significativa de professores que buscam ir além do conteúdo cerceado da sala de aula e de investir em atividades atípicas. Porém, é necessário considerar essa informação com cautela, já que nessa pesquisa quantitativa o público estudado é muito amplo: são analisadas escolas públicas e privadas, não há faixa etária fixa e nem nível de escolaridade, o que deixa os interesses dos professores muito fluidos, de acordo com a demanda das condições díspares entre as turmas de estudantes.

Por fim, ao averiguar a avaliação dada pela totalidade de 82 fichas preenchidas, somente duas apresentaram uma resposta negativa, levando, pois, à conclusão de que as expectativas dos professores foram atingidas.

Acredita-se que esse resultado seja um reflexo da elaboração do questionário, uma vez que as perguntas e a situação em que elas são propostas tendem a influenciar as respostas, o que pode prejudicar a veracidade dos dados. Salientamos que o questionário, entregue pelas mediadoras, é aplicado logo após a visita. Para melhor compreensão das expectativas, estas foram identificadas e organizadas gerando o seguinte gráfico:

Gráfico 4: Avaliação da mediação educativa.



Fonte: Dados da pesquisa

A avaliação deste gráfico permite reiterar o que foi posto: as críticas majoritariamente positivas, focalizado no comportamento individual dos componentes da equipe do educativo e com as poucas opiniões negativas dadas de forma rasa, privando o setor de receber análises críticas que contribuam para o aperfeiçoamento do MhAB e das visitas escolares.

A aplicação dessas fichas avaliativas tem como fim medir o papel do setor e do Museu sobre a educação escolar belo horizontina e, apesar de ser uma iniciativa extremamente válida e enriquecedora, percebe-se, pelos dados obtidos, um fator limitante do posicionamento dos professores, essencial para o entendimento da representatividade da instituição.

Ao analisar a estrutura do questionário utilizado pelo educativo para avaliação da mediação e, analisar as tendências de respostas dadas pelos professores, pudemos notar que as perguntas são tendenciosas, influenciando o professor a responder positivamente.

A partir desta constatação, onde pudemos perceber que 98% dos professores ficaram satisfeitos e não acrescentaram nenhuma sugestão de melhora da mediação. Diante disso, na etapa qualitativa, procurou-se aprofundar as investigações sobre as intenções e as expectativas dos professores a partir do trabalho realizado.

4 ANÁLISE DOS DADOS QUALITATIVOS

A amostragem inicial foi pensada entre seis a oito entrevistas com os professores representantes das escolas agendadas. No entanto, a pesquisa foi realizada somente com quatro professoras, devido a desmarcações ocasionados por fatores diversos, tais como condições climáticas ou falta de condições logísticas de comparecimento. Assim, no tempo restrito em que essa etapa se deu (durante a última semana de outubro e grande parte de novembro), somente quatro de nove entrevistas foram possíveis de serem realizadas.

Os dados foram recolhidos durante os meses de outubro e novembro de 2017, de acordo com disponibilidade do calendário do Museu e dos pesquisadores. A coleta foi realizada através de entrevistas estruturadas individuais, feitas com quatro professoras de escolas de ensino público de Belo Horizonte. Essas entrevistas tiveram duração média de oito minutos, as quais foram gravadas e transcritas para posterior análise, como também possibilitaram alcançar uma gama variada de impressões e percepções.

Essa técnica de coleta de dados permite interação e comunicação entre as partes. Segundo Richardson “é uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. É um modo de comunicação no qual determinada informação é transmitida” (RICHARDSON, 1999, p. 160). Para a análise desses dados, empregou-se a técnica de análise de conteúdo.

Para entender a influência do Museu Histórico Abílio Barreto no ensino escolar de Belo Horizonte, em complemento aos dados quantitativos, foram aplicadas entrevistas estruturadas em quatro docentes acompanhantes de grupos de alunos do ensino fundamental de escolas de ensino público da cidade.

No que diz respeito aos entrevistados, todas as professoras participantes lecionam disciplinas de ciências humanas. Entretanto, é interessante destacar que uma mesma

professora pode estar envolvida no ensino de mais de uma matéria e essas podem ser de diferentes campos de conhecimento.

A fim de tratar os dados coletados, empregou-se a técnica de análise de conteúdo. Para a determinação das categorias iniciais, as próprias questões da entrevista estruturada foram consideradas. A partir da organização destas como grupos de respostas, foram formatadas categorias intermediárias passíveis de serem categorizados em ideias comuns. Por fim, o procedimento de condensação dos dados finalizou-se com a determinação das categorias finais, que entrecruzam o que foi discutido pelas professoras entrevistadas, essas sim trabalhadas nas análises seguidamente desenvolvidas.

Quadro 1: Relação entre as escolas entrevistadas.

	Região da escola	Ensino	Faixa etária dos alunos	Disciplina
Entrevista 1	Regional Barreiro	Fundamental	Entre 8 e 10 anos	História
Entrevista 2	Regional Barreiro	Fundamental	Entre 8 e 10 anos	Português, Matemática, Artes e Educação Física
Entrevista 3	Regional Centro-Sul	Fundamental	Entre 8 e 11 anos	História e Geografia
Entrevista 4	Regional Pampulha	Fundamental	Entre 8 e 14 anos	História

Fonte: Dados da pesquisa

Apesar de haver essa multidisciplinaridade em alguns dos professores entrevistados, isso não foi levado em consideração na análise, já que o padrão das respostas não indica uma influência clara de cada disciplina. Vale também destacar que a segunda entrevistada, que destoa do perfil geral, não é a professora oficial da turma que estava realizando a visita, mas sim a acompanhante disponível para a excursão.

O quadro abaixo apresenta o processo de classificação dos dados e, logo em seguida, as devidas conceitualizações das nomenclaturas.

Quadro 2: Classificação de dados em categorias.

Continua

Categorias iniciais	Categorias intermediárias	Categorias finais
1. A história de BH foi trabalhada anteriormente em sala de aula?	<p>a) Projeto 120 anos: Indica a preocupação da prefeitura em incorporar o Circuito de Museus ao currículo convencional, de forma a celebrar os 120 anos de BH e trazer os espaços culturais da cidade para a realidade dos alunos das escolas do município.</p> <p>b) Disciplinas curriculares: Disciplinas curriculares: disciplinas ministradas segundo o currículo escolar já estipulado, fazendo uso de métodos convencionais de ensino e de experimentações como palestras e visitas aos espaços culturais da cidade.</p>	<p>Experiências extraclasse: Acrescentar mais conteúdo e vivência às disciplinas convencionais a partir do projeto da Prefeitura de Belo Horizonte de ampliar o acesso aos meios culturais pelos alunos, mesmo que considerando espaços pouco diversos. Apontamentos também sobre a falta de abordagem crítica do MhAB no que diz respeito a história oficial.</p>
2. De 0 a 5, sendo 0 completamente sem importância e 5 extremamente importante, qual a sua percepção sobre a influência do MhAB no processo educativo dos alunos?	<p>c) Abordagem da História: A percepção de que o MhAB contribui para a apreensão histórica dos alunos no que diz respeito à história oficial de Belo Horizonte, mas peca em apresentar as diversidades regionais da cidade.</p> <p>d) Recursos Comunicacionais: A influência dos meios de materialização da história na assimilação dos alunos. Evidencia a importância do recurso visual como ferramenta dessa materialização do conteúdo estudado em sala.</p> <p>e) Construção de pensamento: Indica a maior liberdade de participação que os estudantes apresentam durante a visita, mas destacando a ausência de pro atividade do Museu em incentivar discussões que ultrapassem o proposto.</p>	
3.	<p>f) Conhecendo a história antiga para entender o presente: A partir do contato com o passado, as crianças podem se entender como sujeitos de</p>	<p>Influência do universo multissensorial do Museu: Materialização (visual e espacial) auxiliadora na construção do indivíduo.</p>

	uma sociedade e, portanto, passar a conhecer sua própria história.	
--	--	--

Conclusão

Categorias iniciais	Categorias intermediárias	Categorias finais
3. Você acha que a visita irá despertar nos seus alunos o interesse em conhecer mais profundamente a história de Belo Horizonte? Se sim, de que maneira?	g) Despertar o interesse em visitar outros espaços: A partir desse percurso cultural na cidade, o papel das visitas como estímulo ao interesse em explorar e se apropriar desses espaços culturais.	O despertar do sujeito atuante e crítico: Despertar do indivíduo crítico, que questiona a história oficial e busca para além, se apropriando tanto dos espaços públicos quanto da própria história em construção.
	h) Despertar o olhar para outras histórias: Deslocar o ponto de vista apenas da história oficial que o MhAB aborda e buscar conhecer outras versões da história da cidade.	
4. Você pretende desenvolver ou continuar desenvolvendo o trabalho com os alunos relacionando a visita ao MhAB? Se sim, de que maneira?	i) Apropriação dos espaços: Evidencia a importância dada pelas professoras à visita ao MhAB e a continuidade do trabalho de forma que os alunos se interessem por cultura e se sintam pertencentes aos espaços públicos da cidade.	
	j) Trabalhos escolares: Exposição das percepções dos alunos por meio de representações gráficas ou atividades na própria escola.	

Fonte: Dados da pesquisa

Em concordância com o gráfico “Trabalhos que já vinham sendo realizados antes da visita”, as escolas agendadas foram ao Museu com um trabalho prévio e contínuo sobre a história de Belo Horizonte. Isso se deu principalmente por ocasião da comemoração dos 120 anos da cidade, que levou a Prefeitura a incluir no currículo das turmas projetos ligados à história de BH e ao circuito cultural da cidade, integrando assim o conteúdo já existente nas disciplinas de História e Geografia.

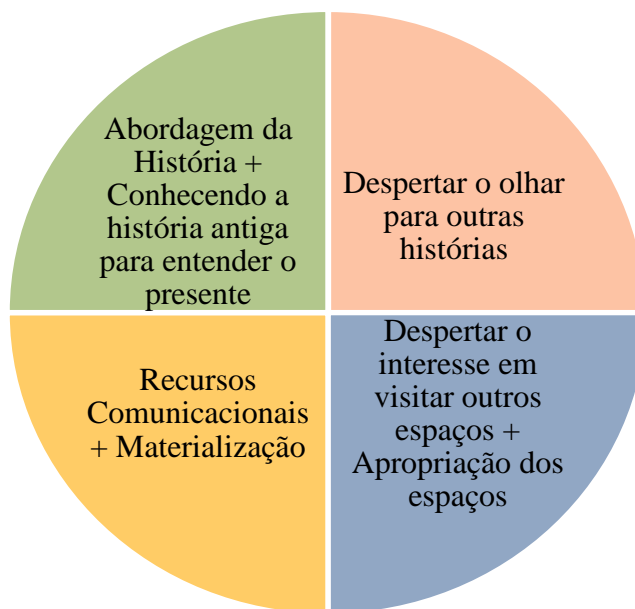
A gente tem trabalhado em sala de aula desde o início do ano, como Belo Horizonte esse ano tá fazendo 120 anos, a gente tá com o projeto de fazer com que os alunos conheçam a história de Belo Horizonte nesses 120 anos (Entrevista 3 - Regional Centro-Sul).

Os estudos se dedicam ao desenvolvimento da cidade, iniciando-se com a comissão construtora e seguindo o material disponibilizado anualmente, mas algumas atividades foram incluídas em respeito à data comemorativa.

Em forma de livro didático, vídeo, é... nós levamos...que lá na Escola a prefeitura manda o material que é a história dos bairros, então tem toda essa história de Belo Horizonte, então tem a parte que conta a história do Barreiro... que é de onde a Escola está localizada, então tudo isso foi trabalhado, esse material que vem da prefeitura, mais é livro didático, vídeo, né... pessoas... por exemplo, a gente levou uma pessoa pra falar a questão da história do Barreiro e também de Belo Horizonte, porque é uma pessoa que ‘tá’ inserida né(...) (Entrevista 1 - Regional Barreiro).

O trabalho que é desenvolvido no Museu visa a complementação e a confirmação do que foi visto em ambiente escolar. Ao ser perguntado em uma escala crescente de zero a cinco a satisfação das professoras com essa interferência da visita, poucas responderam precisamente, mas como a entrevistada respondeu satisfatoriamente a esta questão no questionário teste, decidiu-se por mantê-la. O que ficou claro é que o acervo é de grande ajuda para a ratificação da história oficial (contribuindo para melhor apreensão histórica dos alunos), mas é falho em incentivar o pensamento crítico dos alunos e em apresentar novas faces do que é a história da cidade.

Quadro 3: Expectativas das docentes quanto à visita.



Fonte: Dados da pesquisa

As intenções dos docentes, também sintetizadas no gráfico “Expectativas das escolas quanto ao conteúdo apresentado” podem ser identificadas também nas entrevistas.

Pontos em comum estão presentes, como a materialização da história e a apropriação do espaço museal, e aparecem novas expectativas, como a de despertar nos alunos indivíduos ativos e críticos.

Essa última pode ser trabalhada conjuntamente entre os professores e o setor educativo. Apesar de não ser abordado separadamente o papel do educativo nessa etapa qualitativa da pesquisa, já que ele está intimamente entrelaçado com a opinião sobre a visita guiada em si, foi reconhecida a habilidade desse setor em abordar diferentes narrativas a partir do acervo existente.

Outro ponto que vale destacar é o modo como a materialização da história contribuiu para a compreensão dos alunos. Ainda em união com a influência pessoal de cada professor, foi apontado como o aspecto visual, tanto do acervo e do prédio como da localização do Museu, influencia no julgamento dos estudantes. Presenciar a história, como a instituição permite, provocou um senso de identificação e apropriação nos alunos e incentivou a realização de comparações e afirmações, além de fazer com que eles se sentissem mais livres para se manifestarem.

(...) por eles terem visto coisas do passado, isso automaticamente instiga você conhecer mais, né então eles falaram 'nó professora é muito legal a gente vir no museu', a gente vê essas coisas assim que já aconteceram ou que já fizeram parte de um passado... e isso faz a gente entender melhor, como que foi aquela época, como que as pessoas se vestiam, como que se portavam (...) (Entrevista 1 - Regional Barreiro).

Em adição, o próprio prédio do museu compôs um fator de fascínio. A apropriação do espaço, que integra o circuito cultural da cidade, permitiu aos alunos pensar em questões que, normalmente, eles não associariam a Belo Horizonte, já que aspectos históricos - como a arquitetura - foram apagados pela atualidade e problemas urbanos, disfarçados. A visão da construção antiga suscitou lembranças do interior de Minas Gerais e de vivências com familiares de outras gerações, fazendo com que os alunos se sentissem inseridos em uma parte da história do município que lhes são fisicamente inacessíveis.

(...) eles ficaram deslumbrados com a casa aqui, fizeram muitas perguntas principalmente quando na mediação vocês falaram que... da questão do saneamento básico, da iluminação, é... (...) [os alunos] ficaram muito interessados em fazer essa comparação entre o que eles vivenciam nas casas de seus avós, seus tios do interior, com a casa colonial daqui de Belo Horizonte, ainda em Belo Horizonte, né, remanescente dessa história de Belo Horizonte antiga (Entrevista 4 - Regional Pampulha).

Em relação aos trabalhos que serão realizados após a visita, assunto também questionado na etapa quantitativa, a proposta é que trabalhos que já estão sendo desenvolvidos ao longo do ano e novos idealizados através da exposição culminem em uma exposição ao final do ano letivo.

Quadro 4: Trabalhos desenvolvidos relacionando com a visita:



Fonte: Dados da pesquisa

Por fim, novamente é assinalada a importância da construção do pensamento crítico e da consciência de que a História vai além da oficial. Enquanto o Museu não tem, por si só, essa abrangência, cabe aos professores e mediadores incitarem os alunos a pensar nos diferentes aspectos do que o Museu apresenta em seu acervo, a questionar e discutir o que eles aprenderam e viram no ambiente da escola e da exposição, despertando novos olhares. Em complemento, a importância de levar os estudantes em excursões escolares a outras instituições culturais, mostrando como a história é trabalhada em cada uma delas e fazendo-os perceber que não existe uma única história verdadeira. O incentivo em ocupar outros espaços e em apropriar-se das informações, tornando-os sujeitos

conscientes da influência do que já aconteceu nos tempos presentes e ativos na construção de futuras narrativas.

(...) é muito importante essa questão da criança conhecer a história 'pra' até entender um pouco da história dela também, porque a gente tá inserido na sociedade então a gente precisa entender a história 'pra' entender um pouco da gente também (Entrevista 1 - Regional Barreiro).

Eles pensam assim, Belo Horizonte distante, aquela coisa assim muito distante, sabe da gente, ah centro, Belo Horizonte, acham que é outra cidade, não se sentem pertencentes mesmo, àquela sociedade, aquele grupo ali, e agora vendo assim, eles participando do circuito, eles conseguiram sentir... 'olha gente... é a nossa cidade!' né, é a nossa cidade, e mostrando igual a gente fazendo projeto de grafite, aí mostrei pra ele, né, isso é arte urbana, é o pessoal que vai pra rua, que apropria dos espaços que são ali públicos e que são da gente, que são públicos, e que é uma coisa que pode ser utilizada por todo mundo, então isso tudo tá despertando neles esse interesse e eles estão gostando muito (Entrevista 1 - Regional Barreiro).

A análise dos dados das entrevistas averiguam com mais precisão o parecer dos professores sobre o papel do Museu como complemento à educação escolar. Enquanto o estudo das fichas do livro de registro do setor educativo do MhAB mostrou um forte tendencialismo dos professores em dar opiniões positivas, os dados qualitativos apontam certas divergências.

As falas dos professores se mostraram mais críticas. Apesar de a opinião sobre a mediação do educativo não ter se alterado significativamente e, até mesmo, ter reafirmado a importante influência que ela tem sobre a interpretação do Museu, a posição quanto à instituição se mostrou discordante com a inicialmente verificada.

Esses dados qualitativos evidenciaram a noção de que o Museu não apresenta a integralidade da História que os professores buscam. Apesar de trabalhar satisfatoriamente a história oficial, a falta de compromisso do acervo com as demais histórias não cumpre as intenções das escolas, apesar de se aproximar do objetivo geral do currículo.

Em última consideração, essa análise mostra que a educação complementar do museu não adiciona conhecimento aos alunos como as expectativas dos professores supunham na primeira fase da pesquisa e o que eles buscam é o auxílio para a construção de

pensamento crítico e da noção de heterogeneidade cultural dos alunos, o que é apoiado pelo setor educativo do Museu.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O questionamento desta investigação surgiu com a intenção de entender como o Museu Histórico Abílio Barreto se situa na aprendizagem da história, e isso não foi posto com indiferença. Ao começar, já existiam pressupostos sobre como se dá a atuação do Museu.

No decorrer das etapas, essas expectativas se realizavam e se acrescentavam. Os resultados mostram que o MhAB em si é um modelo de museu histórico que se completa na narrativa tradicional, que corrobora com os livros de história estudados no ambiente escolar. E nisso ele aplaca as vontades acadêmicas básicas.

Mas a pesquisa mostrou que é fundamental reconhecer o papel singular dos educadores sobre os alunos. Aqui é apontado tanto o setor educativo do Museu quanto os professores. São essas pessoas individuais que zelam pela abrangência de conteúdo que o Museu é capaz de abarcar: fazendo releituras e interpretações críticas dos acervos e dos espaços, é possível que a história oficial apresentada cubra também a necessidade de diversidade e profundidade.

Como iniciativa da Prefeitura da cidade em integrar no currículo a visita, há o início do que pode vir a ser uma atividade comum dos alunos. Apesar de não ser possível prever se esses estudantes se tornarão de fato público efetivo dos museus, a oportunidade de ter essa experiência, que muitas vezes não é incentivada ou mesmo viável, se mostrou enriquecedora e estimulante.

O desenvolvimento da pesquisa girou em torno da identificação do comportamento do Museu histórico Abílio Barreto junto às escolas. Com o objetivo de identificar como o Museu contribui para o ensino escolar e como essa união é julgada pelos professores, alguns apontamentos podem ser feitos.

O MhAB foi e está sendo amplamente frequentado por escolas de ensino público, especialmente em 2017, por incentivo da Prefeitura de Belo Horizonte. Devido a um projeto em comemoração aos 120 anos de Belo Horizonte, o Museu é parte de um circuito extraclasse que, junto com outros recursos e equipamentos culturais, age como um complemento ao conteúdo do currículo escolar.

A amplitude que a pesquisa qualitativa proporcionou permitiu que o Museu fosse lido sob duas perspectivas: a da Prefeitura e a dos docentes. Para a primeira, a instituição está apta a atender o projeto, já que aborda a história de Belo Horizonte pela ótica oficial. Para as professoras entrevistadas, contudo, o papel do Museu não foi absoluto ao tratar o assunto de forma que os alunos percebessem a franqueza da História: a debilidade do acervo sobre demais narrativas não propicia que o Museu sozinho provoque o visitante, e a não obrigatoriedade curricular da apropriação de outros espaços (como o Muquifu - Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos e os centros culturais das regionais) compromete o ensino crítico dos alunos.

Na tentativa de suprir essa falta, a responsabilidade recai sobre os professores que, por iniciativa própria, buscam apontar novos olhares e interpretações. Aqui, porém, o Museu também desempenha uma função, já que a imagem visual do restrito acervo que condiz com essas novas interpretações potencializam a experiência dos alunos, além de consagrar - mesmo que, à primeira vista, minimamente - a heterogeneidade dentro do espaço museal. Em companhia da influência do setor educativo nas visitas guiadas, que tem certa liberdade de posicionamento, os estudantes podem se tornar sujeitos ativos na construção da História.

REFERÊNCIAS

DUTRA, Soraia F. **A educação na fronteira entre museus e escolas**: um estudo sobre as visitas escolares ao Museu Histórico Abílio Barreto. (Tese) Doutorado em Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

GRINSPUM, Denise. Educação para o patrimônio: conceitos, métodos e reflexões para formulação de política. In: Anais do Simpósio Internacional Museu e Educação, Conceitos e Métodos. s/e, São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Leônidas José de (Org.). **O museu e a cidade sem fim**: setenta anos de história preservada no MHAB, o museu da cidade. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, Museu Histórico Abílio Barreto, 2013. 148 p.

PIMENTEL, Thais V. (et al.). A teoria, na prática, funciona. Gestão de acervos no Museu Histórico Abílio Barreto. **Revista CPC**, São Paulo, n.3, p 91-109, nov. 2006/abr.2007.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond; Minc/IPHAN/DEMU, 2006.

SELLI, Paula Hilst. **Crianças, Museus e Formação de público em São Paulo**. São Paulo UNESP, 2013.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. Belo Horizonte, Minas Gerais. **Qualit@s Revista Eletrônica**, v. 17, n. 1, 2015.